

Geografia e pensamento contraintuitivo

por João Ferrão



6 de março

Revelar: o Mundo que não se vê

13 de março

Decifrar: a Europa em transfiguração

20 de março

Imaginar: Portugal, território de esperança

27 de março

Propor: Quem ordena o território?

Partindo de uma síntese das Conferências anteriores, procura-se agora averiguar de que modo uma visão sensível à diversidade territorial pode ajudar a lidar de forma mais adequada com a complexidade e incerteza que caracterizam o mundo atual. Como aumentar a capacidade de adaptação dos territórios (espaços supranacionais, países, regiões, cidades, lugares, bairros) ao contexto de imprevisibilidade e crise que hoje vivemos? E como estimular a construção colaborativa de territórios portadores de oportunidades? O modo como estas questões estão formuladas traduz a convicção de que é possível influenciar tanto a relação entre contextos globais e territórios

particulares (as 'circunstâncias dos territórios') como a relação entre cada território e as dinâmicas individuais e coletivas que se desenvolvem no seu interior (o 'território como circunstância'). Com esse objetivo, efetua-se uma distinção entre estratégias de adaptação por resiliência, por transição e por transformação. As primeiras (adaptação por resiliência) procuram, sobretudo, melhorar os meios de intervenção através de uma adequada gestão adaptativa e incluem, a par de outros instrumentos, o planeamento físico e estratégico do território. As segundas (adaptação por transição) visam criar rotinas de participação, diálogo e cooperação institucional promotoras de processos de governança adaptativa que não só melhorem os meios de intervenção mas, mais do que isso, que suscitem dinâmicas de redefinição das finalidades sociais e económicas prosseguidas; a governança territorial representa um instrumento importante das estratégias de adaptação por transição. Finalmente, as estratégias de adaptação por transformação visam explicitamente alterar as grandes finalidades prevaletentes através da adoção de um novo quadro de referência socioeconómico, político e ecológico; a cenarização territorial estratégica pode dar um contributo importante nesse sentido. 'Ordenar' o território no atual contexto de complexidade, crise e imprevisibilidade obriga, portanto, a repensar a missão e os instrumentos de planeamento do território e a adicionar a este domínio os mecanismos de governança territorial e os procedimentos de cenarização estratégica de base territorial. Assim se abrirão novos espaços de construção e operacionalização de pensamento contraintuitivo.

Vivemos um período de transição profunda, marcado por um passado que já não é possível prolongar e por futuros anunciados que não se irão cumprir. A visão unilinear de modernização, progresso e desenvolvimento encontra-se,

hoje, profundamente abalada. Pelo contrário, instabilidade e complexidade, imprevisibilidade e contingência, são elementos centrais das sociedades contemporâneas.

Este novo contexto obriga a questionar velhas certezas, a contestar análises, a duvidar de soluções dadas como adquiridas. O pensamento contraintuitivo ganha, assim, um renovado papel. Talvez haja, afinal, mundos que não vemos, alterações que nos escapam. Talvez haja, também, espaços de esperança por identificar e soluções inteligentes por desenvolver. A Geografia tem um contributo a dar para tornar o atual período de transição mais escrutinável e inteligível, mais promissor e melhor gerido. Revelar mundos invisíveis, decifrar dinâmicas territoriais em curso, imaginar espaços desejados e propor soluções adequadas a um globo crescentemente interdependente não são tarefas fáceis. Mas a imaginação e a inteligência geográficas permitem-nos olhar de uma forma inovadora e articulada para o Mundo, a Europa e Portugal. Centrando sucessivamente a atenção em cada um destes espaços, mas adotando sempre uma visão multiescalar, o ciclo *Geografia e pensamento contraintuitivo* procurará ilustrar a importância de olhares geográficos transformadores no atual contexto de crise e transição.

João Ferrão é doutor em Geografia e investigador principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especialista em Geografia Humana, ordenamento do território e desenvolvimento regional e urbano. Coordenou diversos estudos de avaliação de políticas públicas, para o Governo português e a Comissão Europeia. Foi Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades (2005-09).

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS 6, 13, 20, 27 DE MARÇO 2012 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest